

Memórias do subsolo, *entre Rússia e Europa: o argumento dostoiévskiano no debate sobre o desenraizamento nacional.*

Davi Lopes Villaça¹

Talvez nenhuma obra de Dostoiévski tenha oferecido tantos obstáculos à compreensão, tantas armadilhas de leitura quanto *Memórias do subsolo*. É o que nos conta a história de sua recepção. Um dos textos mais importantes e influentes do autor, a novela é também o que mais confundiu e ainda confunde seus leitores. Ignorada por seu público inicial, que a julgou sombria e tortuosa demais, a obra teve de esperar o sucesso dos romances posteriores para que leitores e críticos mais atentamente se debruçassem sobre ela.

Num primeiro momento, intérpretes de peso como Leonid Grossman e Nikolai Shestov ajudaram a difundir uma leitura que concebia a novela como produto de uma crise espiritual do autor. Como se um Dostoiévski amargurado, que na juventude partilhara das esperanças dos socialistas utópicos de sua geração, enfim tivesse se apercebido da profundidade do egoísmo humano e da levandade de seus antigos sonhos de concórdia social, aos quais ele renunciava agora na desesperada confissão de seu herói-narrador. Desse modo, a obra foi entendida como uma expressão mais ou menos direta do estado psicológico de seu autor.

Foi Aleksandr Skáftimov quem pela primeira vez (e isto somente em 1929) enfatizou a importância de se distinguir entre a perspectiva de Dostoiévski e a do homem do subsolo – chamando atenção para o fato de que o autor, ao representar o discurso de sua personagem, estava falando não apenas através dela, mas principalmente sobre ela. O crítico concluiu que na novela o narrador que acusa “é também um dos acusados”.² Ou seja, a personagem que serve de porta-voz para a crítica dostoiévskiana contra as ideologias que penetravam a Rússia via Europa nos anos 1860, é ao mesmo tempo um dos alvos dessa crítica. Skáftimov deu assim um passo fundamental para a compreensão da relação narrador-autor em *Memórias do*

1 Doutorando do programa de Pós-graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, desenvolve o projeto *O narrador problemático em Memórias do subsolo, de Dostoiévski*, com auxílio de bolsa do Cnpq, sob orientação do Prof. Dr. Fábio de Souza Andrade.

2 SKÁFTIMOV, Aleksandr, “Zapizki iz podpol’ia”. Acessado em <http://teatr-lib.ru/Library/Skaftimov/nravstv/>

subsolo. Mesmo hoje, no entanto, ainda que estejamos a par da necessidade dessa distinção, não parece tarefa simples estabelecê-la.

Críticos mais recentes, como Joseph Frank e Tzvetan Todorov, seguindo a linha interpretativa inaugurada por Skáftimov, parecem às vezes descrever a relação autor-narrador em *Memórias do subsolo* nos termos de uma oposição ideológica. Frank afirma que a psicologia do herói é o produto de certas “ideias que ele aceita e pelas quais tenta viver”³ – ideias essas com as quais seu criador evidentemente não concorda. Na mesma linha, Todorov observa que “Dostoiévski não aprova os pontos de vista de sua personagem, mas luta contra eles”.⁴ Embora estejamos geralmente de acordo com as análises desses críticos, colocações como as que acabamos de citar parecem incorrer em certo reducionismo. Seria o caso de perguntar, primeiramente, de que maneira nós, leitores, deveríamos entender que Dostoiévski recusa a visão de mundo do homem do subsolo. E, uma vez tendo entendido isso, por que deveríamos necessariamente aceitar a perspectiva do autor, se a do narrador também nos parece razoável (como evidentemente pareceu a leitores como Shestov e Grossman)? A recusa imediata da suposta posição do narrador seria lógica apenas se essa posição se mostrasse prontamente ingênua ou absurda, o que não parece ser o caso. Em segundo lugar, perguntamo-nos se faz sentido identificar o homem do subsolo com um ponto de vista, com uma posição ideológica bem definida, com a qual se pode concordar ou discordar, quando a própria personagem já vive em pleno desacordo consigo mesma. Aliás, a dupla função atribuída por Skáftimov ao homem do subsolo, de acusador e de acusado, é explicitada de forma muito enfática pela própria personagem no final da novela, que chega a denominar-se um “anti-herói”⁵ (o que, evidentemente, não foi suficientemente levado em conta por seus primeiros intérpretes). Por isso deveria ser estranho imaginar a confissão do homem do subsolo como a defesa obstinada de uma determinada posição.

A crise do herói não é apenas o produto da aceitação de certas ideias. Está ligada (como as próprias análises de Todorov e Frank nos ajudam a compreender) a uma certa constituição ética, cuja representação pretende refletir o processo de formação e desenraizamento das classes instruídas da sociedade russa em seu lento mas ainda assim traumático processo de modernização. Se ficou tão pouco evidente

3 FRANK, Joseph, *Dostoiévski: os efeitos da libertação (1860 a 1865)*. P. 432.

4 TODOROV, Tzvetan, “*Memórias do subsolo*”, in: *Os gêneros do discurso*. São Paulo: ed. Unesp, 2018. P. 224.

5 DOSTOIÉVSKI, Mikhail, *Memórias do subsolo*. São Paulo: ed. 34. 2004. P. 146.

que Dostoiévski estava condenando a experiência de sua personagem, isso se deve não simplesmente à narrativa em primeira pessoa, por facilitar a identificação autor-personagem, mas sobretudo à complexidade formal da obra, que tornou particularmente difícil a compreensão do sentido dessa experiência negativa. Dostoiévski, mais do que simplesmente descrever, encena o drama e as ambiguidades do herói-narrador no âmbito de seu próprio discurso, o que contribuiu sobremaneira para que este resultasse muito mais oblíquo do que convinha ao tipo de “mensagem” que o autor estava tentando passar.

Memórias do subsolo, como praticamente todos os trabalhos da fase madura do autor, originou-se como argumento de Dostoiévski no palco das polêmicas ideológicas em que ele se envolveu a partir dos anos 1860. É irônico, como observa Boris Schnaiderman, que os primeiros leitores da obra tenham sido os que menos se aperceberam de seu alcance;⁶ afinal, esse era o público que melhor dispunha dos pressupostos com que Dostoiévski contava para o pleno entendimento da novela. Num primeiro momento, a narrativa se elabora como uma resposta às teses positivistas apresentadas pelo autor do romance *Que fazer?* (1863), Nikolai Tchernichévski, à época o grande mentor da intelectual radical. Tchernichévski defendia a tese de que o homem, uma vez devidamente esclarecido a respeito de seus verdadeiros “interesses” e “vantagens”, passaria a agir por simples *necessidade* e não em conformidade com noções como vontade ou desejo, cuja própria validade era refutada. É quase imediata, portanto, a percepção do discurso do homem do subsolo como uma defesa da subjetividade, o que não está de todo incorreto, mas passa longe de traduzir a ambiguidade da posição da personagem.

Muito já se observou que as ideias apresentadas pelo narrador, apesar da força dramática que adquirem no texto, não são originais. Na verdade, a própria polêmica em que ele se envolve não é nova. Pode-se ver nela uma atualização, em solo russo, das discussões travadas entre iluministas e românticos na Europa no final do século XVIII; entre os que professavam a fé no poder da razão e da ciência para organizar a sociedade, solucionar seus problemas e suprir suas necessidades, e os que, refutando esse ideal, afirmavam a irredutibilidade, na natureza humana, da necessidade de expressão individual, dos desejos irracionais, dos anseios destrutivos e criativos. É interessante notar que esses debates filosóficos tinham, como pano de fundo, certo

6 SCHNAIDERMAN, Boris, prefácio a DOSTOIÉVSKI, Fiódor Mikháilovitch, *Memórias do subsolo*. São Paulo: ed. 34, 2004.

revanchismo nacionalista. O romantismo alemão, como reação ao iluminismo francês, foi nalguma medida insuflado pelo ressentimento contra a hegemonia econômica e política da França na Europa – atitude esta talvez não muito diferente daquela que, no século seguinte, a atrasada Rússia manifestaria em relação à “civilização europeia” como um todo.

Dostoiévski, ao combater ao lado de seu herói a doutrina positivista de Tchernichévski, parece seguir de perto os passos da tradição romântica na qual ele mesmo esteve mergulhado. O que nem sempre fica claro é a maneira pela qual o autor recusa também essa tradição, ou ao menos determinados aspectos dela. Sua crítica se estende à própria sensibilidade e ao ideário romântico em que o homem do subsolo se escora na defesa da sua individualidade. Essa sensibilidade e esse ideário são compreendidos já não como a antítese do racionalismo moderno, mas como o seu derivado lógico. Em outras palavras, uma extensão da própria “doença” que o autor desejava diagnosticar.

Quando Dostoiévski escreveu seu primeiro romance, *Gente pobre*, de 1846, apresentou-se como um representante da literatura dos “pequenos homens”, figura típica do imaginário russo do século XIX. Trata-se do retrato do pequeno funcionário público, que opera como uma insignificante engrenagem do aparato burocrático do estado tsarista. A partir da representação desses indivíduos absolutamente subalternos, relegados ao lugar de ferramenta, a literatura estudou as consequências psicológicas do esmagamento do sujeito por uma sociedade autoritária, patriarcal e rigidamente hierarquizada. O pequeno homem é um tipo neurótico, às vezes paranóico, que vive culpado por estar sempre no limiar de uma revolta, dividido entre a sua lealdade à autoridade e o seu desejo de reconhecimento e afirmação pessoal. Nas obras de Dostoiévski, o tema da liberdade é frequentemente abordado a partir das consequências da sua privação, as quais ele pôde testemunhar com muita propriedade durante seu período de trabalhos forçados na Sibéria. Na prisão, o espetáculo de seres encarcerados, forçados a trabalhar e a viver lado a lado, no que o autor chamou de “comunismo forçado”, constituiria base fundamental para suas convicções acerca da importância da expressão individual. O prisioneiro Dostoiévski muitas vezes se admirou com os rompantes súbitos e violentos de indivíduos geralmente tranquilos, que de repente cometiam as mais insensatas proezas para, no instante seguinte, acalmarem-se e retornarem ao seu estado habitual. A propósito de um desses casos, o autor observaria:

Talvez a causa da súbita mudança naquele homem, de quem se podia esperar tudo menos isso, não fosse outra senão a brusca, repentina e histórica auto-expressão da personalidade, a nostalgia inconsciente do seu próprio eu, o desejo de fazer valer sua personalidade humilhada, um desejo que subitamente se apodera dele e leva-o ao auge da cólera, do rancor, da aberração mental, de vertigens e convulsões nervosas.⁷

Há, evidentemente, um eco disso em *Memórias do subsolo*. O que tanto autor como narrador estão afirmando é que o homem se constitui não como ser de necessidade, mas de desejo, e que não apenas se constitui assim, como carece de ser reconhecido assim. Destituí-lo desse lugar significa destituí-lo de sua própria humanidade, o que explica a revolta do prisioneiro. Mas esse tipo de revolta, do eu contra sua objetificação, tantas vezes encenada, das mais diversas formas, ao longo da obra do autor, está longe de possuir um sentido positivo.

É válido que *Memórias do subsolo* seja considerada uma obra de transição, situada entre dois momentos da trajetória de Dostoiévski: seu herói é ainda um exemplo de pequeno homem, de funcionário público humilhado, invisível aos olhos da sociedade, que anseia por se fazer notar e ser reconhecido na sua individualidade. Mas agora o que constrange o indivíduo não são apenas as instituições, a sociedade e o Estado, mas a ideia de um universo indiferente, regido pelas leis mecânicas e imutáveis de que lhe falam a razão e a ciência do seu tempo – leis que fazem do humano um escravo de forças completamente alheias à sua vontade individual. Assim, o que tivera início como um problema social passa a se confundir agora com um drama cosmológico e existencial. E mais do que nunca o autor irá proceder a uma exploração das manifestações *negativas* da revolta do indivíduo humilhado: no homem do subsolo, o irreduzível desejo humano de auto-expressão se manifesta já não na forma da aspiração de ser visto e reconhecido pelo outro, mas de subjugar e dominar esse outro.

A revolta do herói contra sua objetificação se confunde com o ideal de um sujeito absoluto e autônomo que se sobrepõe e esmaga as demais subjetividades. Trata-se da obsessão egoica que os críticos dostoiévskianos habitualmente chamam de orgulho satânico – termo que dialoga tanto com a perspectiva cristã do autor quanto com as fontes do romantismo em que ele bebe. No imaginário romântico, a rebeldia e o não conformismo são virtudes por excelência. O herói típico é o sujeito tão

7 Apud FRANK, *Os anos de provação (1850-1859)*. São Paulo: ed. Edusp, 2008. P. 221.

autêntico, tão incorrigivelmente “ele mesmo”, que já não é capaz de se ajustar à sociedade, colocar-se ao nível dos outros, integrar aquilo que o próprio homem do subsolo irá chamar de “rebanho”. O que esse tipo representa é a fantasia compensatória do indivíduo que percebe tanto a si mesmo quanto seus semelhantes como seres massificados, incapazes de se distinguir um dos outros, de afirmar sua individualidade. Longe de contrariar essa lógica, o sujeito busca afirmar-se dentro dela, aferrando-se à fantasia de sua própria excepcionalidade, que o eleva sobre a nulidade que ele passa a atribuir aos outros. De modo que o seu projeto de humanização passa pela destituição da humanidade de seus semelhantes – como ocorre com o homem do subsolo, que se julga sempre acima ou abaixo dos outros, mas nunca no mesmo nível que eles. A revolta romântica satirizada pelo autor é retratada como um produto da própria sociedade moderna da qual ela pretende se vingar. É por isso que as transgressões dos heróis dostoievskianos, a despeito de suas conseqüências catastróficas, contêm, para elas mesmas, algo de ridículo: elas são o desmesurado esforço do indivíduo para afirmar sua independência em relação a tudo e todos, com o que, ironicamente, só consegue reafirmar sua dependência.

Dostoiévski buscou, a partir da caracterização de seu anti-herói, diagnosticar o homem de seu tempo, como outros autores russos antes dele. Mikhail Liérmontov (1814-1841), no prefácio de seu romance *Um herói do nosso tempo* (1840), afirmou ter buscado delinear os vícios de sua sociedade, sem ter tido, no entanto, a pretensão de corrigi-los; conclui dizendo que havia se contentado em apontar a doença, “porque, como curá-la, só Deus sabe”.⁸ Embora o autor de *Memórias do subsolo* siga um caminho parecido, seu ataque primeiro se dirige não contra o portador da doença, mas contra os falsos médicos que pretendiam curá-la. Essa estratégia se revelou não apenas sutil, mas também confusa e arriscada. Contra a ideologia determinista que negava a existência do livre-arbítrio e, portanto, a própria possibilidade do mal, o cristão Dostoiévski chamou para a discussão um convicto pecador, cuja própria existência contradizia a tese de que o homem, individual ou coletivamente, só prejudica a si mesmo por desconhecimento do que lhe é mais vantajoso. Evidentemente, o objetivo do autor não era dignificar o lugar de seu herói, mas reconduzir o debate ideológico para os problemas fundamentais e jamais resolvidos da sua sociedade. Contrariamente ao que pensaram os primeiros intérpretes da novela, o homem do subsolo representa não a pessimista conclusão do autor sobre a natureza

8 LIÉRMONTOV, Mikhail, *O herói de nosso tempo*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. P. 3.

humana, mas uma avaliação crítica do indivíduo moderno, o que constitui o único possível ponto de partida para uma reflexão sobre seus possíveis futuros.

A narrativa do homem do subsolo se origina de uma dor. Suas primeiras palavras são mais uma queixa do que uma constatação: “sou um homem doente”. Mas não sabe ao certo do que está sofrendo.. Seu discurso, portanto, nasce de um incômodo, de um indefinido mal-estar, o que dialoga bastante com a formação de uma consciência nacional entre os membros da intelectualidade russa. Estes passaram a pensar seu país na medida mesma em que se sentiram distantes dele, como estrangeiros em sua própria terra. Em Dostoiévski, de forma mais evidente que qualquer outro autor, o anti-herói é um tipo desenraizado. Na Rússia, um país onde modernização fez-se quase sinônimo de ocidentalização, a ideia de desenraizamento adquire um sentido mais pungente. Também em países como Inglaterra e França a vida que se desenvolvia sob a influência do capitalismo, da burguesia e da industrialização, em sociedades cada vez mais individualistas e atomizadas, parecia, de algum modo, menos autêntica. Mas na Rússia, cuja modernidade se desenvolveu a partir do contato com a cultura europeia e da sua imitação, a vida nova parecia não apenas menos autêntica, mas também menos russa.

Em Dostoiévski, essa perspectiva muitas vezes contribuiu para posições francamente xenófobas e chauvinistas. A pior ofensa que o autor tinha a dirigir contra seus rivais era a afirmação de que estes haviam se convertido em europeus, ou de que pelo menos já não eram russos. Mas por trás desse antipático ufanismo se manifesta um drama que subjaz à toda a sua obra madura: o anseio do autor pelo próprio reenraizamento, um desejo de se religar à própria terra e ao seu povo. Se nos pequenos homens da literatura russa, bem como nos prisioneiros que o autor observou no cárcere siberiano, havia uma profunda nostalgia do próprio eu, em anti-heróis como o homem do subsolo, tipos doentiamente orgulhosos e, por isso sempre inclinados ao isolamento, o que se exprime, a partir da consciência que eles adquirem do seu fracasso, é uma nostalgia da sociedade, de uma autêntica forma de comunidade humana, para eles tornada impossível. O sofrimento dessas personagens decorre da sua incapacidade de estar com o outro, a não ser da maneira a que seu egoísmo já as habituou: a luta do todos contra todos.

Não há dúvida de que o autor introduziu em seus anti-heróis muito do que ele desejava refutar tanto em si mesmo quanto em sua sociedade. É em resposta a isso que Dostoiévski introduz em *Memórias* a figura luminosa da prostituta Lisa – a única

personagem que opera numa lógica diferente da do narrador. A heroína encarna o altruísmo, a capacidade de doar-se ao outro e de constituir-se com ele, de escapar aos sufocantes limites do seu ego, em franca oposição ao individualismo extremo que o homem do subsolo encarna e que Dostoiévski projeta na moderna cultura europeia (fazendo desta, em larga medida, o bode expiatório das crises espirituais da sociedade russa e, também, de suas próprias crises). Se por um lado é equivocado identificar o autor com o discurso de seu narrador, também não se deve identificá-lo com Lisa ou com qualquer uma de suas personagens positivas. Todorov imagina *Memórias do subsolo* como um debate em que se tem, de um lado, o homem do subsolo e, do outro, Lisa e Dostoiévski.⁹ Também nisso parece haver certo reducionismo, na medida em que se reconhece o autor apenas no seu ideal, e não na sua falta, que talvez seja aqui o mais importante. Sequer é correto imaginar o homem do subsolo e Lisa como antípodas perfeitos: afinal, é o narrador que reconstrói a moça a partir de sua memória, como uma projeção de sua alteridade e também como uma possibilidade descartada de si mesmo. Em Dostoiévski, como em boa parte da literatura russa, o anti-herói atua como uma ponte entre o autor e sua sociedade: é tanto confissão pessoal quanto análise crítica do meio.

Referências bibliográficas.

- DOSTOIÉVSKI, Fiódor Mikháilovich, *Memórias do subsolo*. São Paulo: ed. 34, 2004.
 - TCERNICHEVSKI, Nikolai, *What is to be done?*. Ithaca: Cornell University press, 1989.
 - SKÁFTIMOV, Alieksandr, “Zapizki iz podpol’ia”. Acessado em <http://teatr-lib.ru/Library/Skaftimov/nravstv/>
 - ROUSSEAU, Jean-Jacques, *As confissões*. São Paulo: ed. Nova fronteira, 2018.
 - FRANK, Joseph, *Dostoiévski: as sementes da revolta (1821-1849)*. São Paulo: ed. Edusp, 2008.
 - Dostoiévski: os anos de provação (1850-1859)*. São Paulo: ed. Edusp, 2008.
 - Dostoiévski: os efeitos da libertação (1860-1865)*. São Paulo: ed. Edusp, 2002.
 - Dostoiévski: os anos miraculosos (1865-1871)* São Paulo: ed. Edusp, 2003.
 - Dostoiévski: o manto do profeta (1871-1881)*. São Paulo: ed. Edusp, 2007
- 9 TODOROV, op. cit, p. 224.

-*Through the Russian prism: essays on literature and culture*. Princeton: Princeton University press, 1990.

GROSSMAN, Leonid, *Dostoevski*. Acessado em:

<http://dostoevskiy-lit.ru/dostoevskiy/bio/grossman-dostoevskij/glava-i-v-bolnice-dlya-bednyh.htm>

LIÉRMONTOV, Mikhail, *O herói do nosso tempo*. São Paulo: ed. Martins Fontes, 1999.

PAREYSON, Luigi, *Dostoiévski - filosofia, romance e experiência religiosa*. São Paulo: ed. Edusp, 2012.

SHESTOV, Lev, *Dostoevski i Nietzsche: filosofia tragedii*. Acessado em:

<http://dostoevskiy-lit.ru/dostoevskiy/kritika/shestov-dostoevskij-i-nicshe/predislovie.htm>

TODOROV, Tzvetan, “Memórias do subsolo”, in: *Os gêneros do discurso*. São Paulo: ed. Unesp, 2018.